

Vários Autores - Coordenação: Ainê Pena

Apena



**Antologia de
Fim de Ano**

COMPANHÃO

Contos, Crônicas e Poesias



Vários Autores

Antologia de Fim do Ano

COMPAIXÃO

Contos, Crônicas e Poesias

Coordenação: Ainê Pena

1ª Edição

Apena

Brasília
2020

© Vários Autores, 2020
Antologia de Fim de Ano - Compaixão
Coordenação de Ainê Pena
Revisão textual do próprio autor
Todos os direitos reservados

Site da editora: www.apena.com.br

Catálogo na Publicação (CIP)
(Ficha Catalográfica feita pelo Autor, DF, Brasil)

A634a Antologia, Vários Autores, 2020 –
Antologia de Fim de Ano - Compaixão / Vários
Autores; Coordenação, Ainê Pena. – 1. ed. - Brasília:
Edição Apena, 2020.

126 p.;

ISBN 978-65-993876-0-9

e-Book Apena Editora – Venda Proibida

1. Literatura Brasileira, Poesia. 2. Contos.
I. Antologia. II. Título.

CDD: B869.1

CDU: 82-1

Índice para catálogo Sistemático:

1. Literatura Brasileira: Poesia (CDD B869.1)

Literatura Brasileira: Contos (CDD B869.3)

Referências da antologia:

- 1ª Edição: eBook – **ISBN 978-65-993876-0-9** - Apena Editora, Brasil. /
Impressa – **ISBN 979-8586754516** (Colorido) **ISBN 979-8589078534**
(Preto/Branco) - Impressão pela Amazon internacional. / Impressa – **ISBN**
978-65-993876-1-6 - Impressão pelo Clube de Autores, Brasil.

Agradecimento a Deus por nos conceder todas as coisas e nos permitir chegar até aqui!

Sumário

Adão Moraes	10
Ademir Missias	13
Admilson Souza	15
Ainê Pena.....	17
Aline Santos	24
Andréia Caires	29
Ângelo Roberto.....	33
Anne Siqueira	35
Artton Rodrigues	37
Beatriz Xavier	41
Carlos Garcia	44
Cecília Ugalde.....	46
Claudia Lundgren.....	50
Dalvilson Policarpo.....	54
Edna Marilda	57
Eulália Costa	59
Gustavo Dourado.....	61
Heloísa de Freitas Abrahão	68
Ignéz Xavier	74
Jacqueline Souza	76
Jusmaria Carvalho	78
Luzia Lina Correa	81
Marcos Vieira.....	83
Mario de Almeida.....	85
Mel Silva	88

Mitiko Une.....	91
Neusa Bernado Coelho.....	94
Neuza Berti Albarello.....	98
Neuza de Brito Carneiro.....	101
Paula Belmino.....	103
Ravi Silva.....	105
Rose Chalfoun.....	108
Samanta Aquino.....	111
Sônia Barreto Freire.....	117
Teófilo Literato.....	119
Vanderlei Araújo.....	121

**É EXPRESSAMENTE
PROIBIDA A
COMERCIALIZAÇÃO DESTA
ANTOLOGIA**

A distribuição é Gratuita





Adão Moraes

São José do Rio Preto - SP

Adão Moraes

COMPAIXÃO

Empatia e altruísmo,
Perceber a dor de outrem,
Quem é capaz de sentir?
A dor que aflige o outro,
Não é a dor que dói em mim.
Sua alma, seu espírito sofre,
E mesmo que eu queira sentir,
Ainda que queira minorar sua dor,
A única coisa a fazer é oferecer o amor.
O amor suporta não importa,
O que fizestes a mim.
Pelo amor se faz sacrifícios,
Sofre a alma padece o corpo,
É um ato de compaixão,
É esvaziar de si mesmo,
Pelo bem do próximo,
Quem pode assim sentir?
Na terra já veio um homem,
Que suportou toda dor,
Humilhado, na cruz pregado,
Foi ele crucificado, por que?
Pura compaixão, amor por ti sentiui!
Sua dor sofreu, e não reagiu,
Um caminho novo se abriu,
De ser capaz de amar,
Seus defeitos, não olhar,

Antologia de Fim de Ano – Compaixão

Apenas a empatia, colocar-se em seu lugar,
Para que possas a paz intuir,
Vindas daquele homem,
Que sua dor suportou,
Esvaziou-se de si, altruísmo.
São os dias de natal,
A memória nos remete,
Ao ato da compaixão,
De sentir a dor do outro,
que na mesa não tem o pão,
Dói na alma ver o próximo,
Perdido na fome e solidão,
Toca minha alma ó Deus!
Me fazes ter sua compaixão.



Ademir Missias

Capitólio - MG

Ademir Missias

AJUDA

As moedas que você gasta,
O dinheiro que você tem,
De nada tem sentido,
Se não ajudar alguém;

E quando você os acuda,
Por pouco que seja a ajuda,
O que resta então é o que fica,
Porque no outro se identifica.

Encontrarás no outro o que deste,
O que semeaste ou que plantaste.
O que fica então neste momento?
Se a moeda já não existe?
E o sentimento que persiste,
Num eterno reconhecimento.



Admilson Souza

Brasília - DF

Admilson Souza

A PORTA

Não vou mais fechar a porta
Sinto o sol e o deixo brilhar
Entre os cantos mais frios da sala
Entre os cantos mais frios de mim
Não vou mais fechar as janelas,
Esse ar que entra me deixa tão livre
Prisioneiro em eu próprio quarto,
Ainda consigo ser um pouco feliz
Palavras moldam meu estilo de vida,
E as pessoas confiam em mim.

Prisioneiro em eu próprio quarto,
Ainda consigo sair daqui
Existem tantos sonhos em nossas cidades,
Mas nós não conseguimos construí-los por aqui
Os nossos sonhos foram todos roubados e tão enlatados
Que nós já não conseguimos nem dormir
Sinto em meu peito a mais pura verdade
Versos soltos como um grito de horror
Prisioneiro ainda posso estar
Ainda consigo sair daqui



Ainë Pena

Brasília - DF

Ainé Pena

A SENHORINHA DE OLHOS VERDE-ÁGUA

Casara-se cedo dentro do costume antigo quando as moças se casavam com quem os pais escolhiam para marido. Nesse caso até que gostara do pretendente e ao chegar o dia do casamento já estava apaixonada por ele, afinal, porque não haveria de gostar se, de qualquer modo, estaria casada com o rapazote?

No início, viveram em uma pequena casinha na fazenda de dos sogros, mas logo obtiveram a casa própria com o esforço dela e do marido em preparar um cantinho para a nova família.

Ali foram nascendo os filhos. A primeira havia sido uma linda garotinha, depois de onze meses veio um menino e, assim, vieram os filhos, um atrás do outro, tendo na maioria das vezes somente dois anos de diferença, chegando ao total de dez. Perder, até que perdeu um bebê, para sua sorte, porque as mulheres, em virtude das circunstâncias da época, perdiam muitos filhos, chegavam a morrer no parto, mas ela não, era forte e teve somente aquela tristeza.

Mas se tratando de tristeza em uma época em que não era comum a lua de mel, conversar ou o companheirismo entre o casal, isso sim era tristeza, o resto era só se conformar que tudo ficava bem. Era quase tudo igual. A vida era todo dia uma mesmice: lavava, quarava, cozinhava, amassava pão, salgava carne, pilava grão... E a filharada, em meio a tantas tarefas, animais e muita poeira, ia crescendo. O amor? Esse ficava do

jeito que dava, era tudo de costume, não fazia diferença em beijar, abraçar ou fazer um cafuné. Ali mesmo ia se criando.

Depois de maiores, foi feita a mudança definitiva para a casa da cidade para que os filhos fossem à escola. Daí começaram os problemas, cada qual queria ter sua própria vida e logo, logo, já pensavam em casar e constituir família. Teve um filho que fugiu para casar porque o pai não aceitara a moça, e daí já viu, não é? Os filhos do filho acabaram seguindo o exemplo e fazendo a mesma coisa.

Tinha de tudo, filho bom, filho bravo e filho ingrato. Tinha até aqueles filhos que mal iam à casa da mãe para visitá-la, era só de vez em quando. E porque voltar, não é mesmo? Já tinham a própria família, então, era só seguir em frente, quem ficou lá atrás era pouco lembrado. Pior ainda os filhos bastardos dos filhos, que pouco conviviam com a avó. Motivo não tinha, afinal, eram bastardos mesmo, quem iria se importar? Assim se ia vivendo a vida.

O tempo passava e os costumes não mudavam. Era assim que conheciam a vida, por que mudar? Mas essa mania de mesmice não acabou muito bem. Quem se conforma com o errado, acaba vivendo nele e para esta senhora que também era dona de lindos olhos verdes-água não foi diferente, pois já velha, com os bisnetos nascendo, foi ficando cada vez mais de lado.

Um filho sempre voltava, aquele mais moço, um tal caçulinha que é sempre o mais mimado, e, como nós já sabemos, é de quem mais se tem notícia. Uma vez caçula, sempre caçula, e mesmo idosa, a mãe sempre o mimava, foi o último filho a casar e a sair de casa, acabou morando bem próximo para sempre dar uma passadinha e pedir benção à velhinha.

No entanto, esse mais moço, em uma tragédia, Deus o levou, deixando a senhora já bem cansada, ainda mais sozinha.

Se antes se sentia só naquela casa de três quartos, sem o caçulinha para lhe fazer um agrado e retribuir com uma sopa quente no sábado à noite aumentara a solidão. Agora era só almoço em família nos dias festivos e olhe lá. E mesmo assim, por proibição da dona da casa dizendo “Coca-coca aqui não entra” que muitos não apareciam.

A filha mais velha que quando pequena ajudava a cuidar dos irmãos, agora tinha de cuidar de si e da mãe, porque quase tudo era a ela que pedia, a pequena velhinha, que, muitas vezes, malcriada e rabugenta, não aceitava nada que lhe era oferecido. Era só o que queria, se não fosse, ela logo fechava a cara e todo mundo tinha que voltar atrás e atendê-la. Só a algumas netas, ela ouvia.

O filho mais velho nem aparecia. Depois dos irmãos muito reclamarem com essa ausência, ele resolveu ajudar fazendo a feira, e, o mais chato, às vezes, comprava o básico e assim a vida seguia. Já estava velha, o que mais ela poderia querer, não é mesmo? Era o que a maioria pensava. Certo dia, ela acordou e resolveu que compraria uma televisão, depois um aparelho de DVD. Colocou TV a cabo para escutar os sermões de todo dia, um telefone sem fio para atender na parte de fora da casa, pois até chegar à entrada, quem queria falar já tinha desistido. Também ganhou um celular da filha mais velha para se comunicar quando queria passear nas casas dos filhos que não a visitavam.

Ficou um pouco moderninha, mas ainda se vestia como uma velhinha, mas uma neta resolveu comprar-lhe tecidos coloridos para combinar com os lindos olhos verdes que mais pareciam límpidos oceanos de águas cristalinas. E foi assim, cada neta lhe fazia um agrado e, e ainda ganhava vários presentes, sempre tinha um almoço de comemoração que também foram diminuindo de Natal, Ano Novo, Dia das Mães, aniversários de alguns filhos ou netos, para só de vez em

quando. Além da rabugice de reclamar daquele povo todo em sua casa; que quando não apareciam, reclamava também. Então, o que fazer para agradar? Não tinha como.

O tempo foi passando, as pessoas foram partindo e os que ficavam quase não apareciam. Filhos? Esses eram os que menos apareciam. Uma ela já não queria por perto, pois lhe perturbavam o juízo e o mais chato de todos, pior ainda. Se aparecesse, teria que ajudar em alguma coisa, então de lá corriam longe. No final, de dez que parira, somente quatro, às vezes, cinco ajudavam.

Quando precisava ir ao médico, para ela, somente a filha mais velha servia. Para dormir e lhe fazer companhia em suas longas noites sozinha, era a filha mais nova que precisava deixar marido e filhos para estar lá. Dormir em casa alheia, ah, claro que não, “Mas se eu tenho a minha casa, porque vou dormir na casa dos outros?” Respondia ela. Era uma situação complicada.

Muitos falavam que uma mãe cuidava dos filhos quando pequenos e depois na velhice não podia ser cuidada, mas também ninguém lembrava que os filhos também tinham as próprias famílias para cuidarem e que a tal senhorinha não aliviava em ajudar os filhos a lhe cuidarem, indo de vez em quando as suas casas para passar o fim de semana ou a semana inteira.

E como a vida segue, e o tempo não cura tudo, a situação só foi piorando. A velha cada dia mais velha. Os filhos ficando também velhos e ninguém queria sair de sua casa para ajudar o outro.

Um dia já muito cansada, a filha mais velha decretou que não dormiria mais tanto tempo na casa da mãe, tinha uma família e por deixar o novo marido sozinho por tanto tempo, ele se cansou e se foi. Também não foi muito diferente da filha mais nova que exausta ainda tinha que tentar driblar os

problemas com o marido insatisfeito por dormir sempre sozinho. Mas o filho mais velho estava tranquilo, pois esse não dormia nem com reza brava na casa da mãe, pois ficava em sua casa todos os dias.

Todos foram ficando cada vez mais cansados daquela situação e a senhorinha mais ainda. No último ano desistiu de lutar e só queria descansar. Foi ficando doente e fraca. Os filhos que ajudavam não aguentavam mais também. De vez em quando, quando não tinha ninguém para ajudar, o filho mais velho a levava ao hospital, quando era algo urgente. Até o médico, muito bravo, vendo a situação resolveu de chamar todos os filhos para decidirem o que fazer. Isto também não resolveu e dias depois estava tudo como antes e a velha cansada sofrendo por ver aquela situação.

Até para algumas netas sobrou, ao contrário do que o tio mais velho dissera de que neto não dava palpite em nada. Mas como ele não estava ali o tempo todo, quem ligava? Já que das sobrinhas ele nem gostava. O que se tinha de fazer era ajudar a velhinha desamparada.

Era consulta, internação, exame, um sobe e desce danado, um vaivém que não tinha fim. Até namorado de neta que não tinha nada a ver com a história se meteu para ajudar. E o tio mais velho, nada. Só aparecia mesmo para fazer a feira e dirigir quando não tinha mais ninguém.

A filha chata, que morava ali perto, em lugar de ajudar, expulsou quase à vassourada, a sobrinha quando esta foi lhe pedir ajuda. Mas a velha não a queria mesmo, quem se importava? Só quem estava mesmo cansada, de ficar para cima e para baixo para ajudar a senhora em sua jornada final, que sentia falta da ajuda, que mesmo de quem menos queria ajudar, seria de grande alívio naquela situação.

Certo dia, muito cansadas, a filha e a neta, após dois longos dias sem ninguém para ajudá-las, foram recebidas com

todo carinho por uma pessoa conhecida e com o coração cheio de compaixão pelos amigos que dela precisava de ajuda. Foi a Altina, aquela senhora, velha conhecida dessa, a Dona Jaci, que depois de longos anos compartilhando fé e esperança, apareceu para ajudar. Foi aquela mulher que, nem era da família, deixou sua casa para ajudar outra senhora sem pedir nada em troca, com o coração aberto, apareceu ali naquela casa grande e fria. A ajuda chegara de onde menos se esperava. É como aquele ditado que diz que “santo de casa não faz milagres”.

Aquela senhora que parira dez, perdera dois e ainda tinha oito filhos, somente alguns estavam ali para ajudar. Quando o cansaço grande se apoderava dos que ficaram, uma alma linda e bondosa veio ajudar. Dizem que o mundo está perdido, que as pessoas não são tão boas, mas não podemos nos esquecer de que o mundo está lotado de gente, e gente ruim tem em todo lugar. Mas, peneirando toda essa gente, ainda tem gente de bom coração, que está sempre ali para ajudar os que precisam.

Já a senhorinha, essa se foi, cansada das coisas feias do mundo. Já tinha vivido demais, provado de alegrias e dissabores, não tinha muito mais o que fazer aqui. Os que ficaram ainda têm muito o que aprender. Já eu, sou agradecida por ter conhecido e convivido com aquela velhinha, muitas vezes rabugenta, mas que sempre me escutava, mesmo sendo a neta mais enjoada que tinha. Ainda tive o privilégio de tê-la como cobaia de minhas costuras, isto parecia que a fazia um pouco feliz. Gostava quando uma sobrinha a elogiava dizendo que estava bonita de vestido cor-de-rosa e ela respondia que tinha sido a neta que tinha feito.

Quanto a outra senhora, àquela de coração bom. Ah, essa, um dia ainda vou encontrá-la para agradecer por toda a ajuda concedida.



Aline Santos

São João - PE

Aline Santos

O SILÊNCIO DO CORAÇÃO

Queria gritar para o mundo
Queria poder transmitir
Palavras lindas e belas
Como uma flor a se abrir

Sem usar meias palavras
Quero agora traduzir
Falar de momentos bons
Que me fizeram
Chegar até aqui

Andei longas estradas
Tão sozinha na madrugada
Sem ninguém perto de mim
Ouvindo o vento soprar
E olhando as estrelas
Que belo é o planeta!
E agora o que está por vir?

O sol vai nascendo
Acordo na multidão
Meu sorriso é tão singelo
Como uma gota de chuva do ribeirão

O caminho é tão certo
Que não tem como errar
Bato palmas e calço os chinelos
Que hoje estou a chegar.

AMOR

Amor sentimento sublime
Verdadeiro e essencial
Amor que seja intenso
Amor que seja leal.

Amor que cativa
Amor que corrói
Amor que dilacera
Amor que constrói.

Amor sentimento maior
Que a beleza
Cego que deixa passar
Amor estado de graça
Amor que deixa a chorar.

Amor que é alegria
Amor que é único
Amor que venha
E que fique
Amor que seja
Dado por inteiro

CONSTRUÇÃO DO SER

O meu ser está
Em construção
Passou por
Várias metamorfoses
Por várias fases
Está em transformação
E ainda incompleto
Cada dia um recomeço
Uma chance pra mudar
Como uma folha seca
Que na árvore amanhã
Outra ocupa o seu lugar
Como um fruto verde
Que depois amadurece
Como um aprendizado
Que com a dor
Depois se cresce.

MUDAR

A brisa leve
O vento forte
O sol tão quente
Cabelos soltos
Pensamentos no ar
Ela tão distante
Está a sonhar

Lembrando o passado
Nas suas angústias
Nas mudanças
Nas esperanças
Solta
Tão leve
Ela quer mudar.

SORRISO DE CONSTRUÇÃO

Seu sorriso maroto
Sorriso meio torto
Sorriso de transformação
Sorriso de gratidão
Sorriso de paz
Sorriso que venceu
Sorriso de quem cresceu
Sorriso de não resistir
Sorriso de construção
Sorriso que faz bem para
O coração
Então para
Observa
Ela é um novo ser.



Andréia Caires

Guararema - SP

Andréia Caires

COMPAIXÃO

É muito bom doar. E “se doar” a alguém ou a alguma coisa, melhor ainda!

Fui curada de uma longa depressão, quando comecei a trabalhar como voluntária na Causa Animal. Frequentei feiras de adoções, ajudei em alguns resgates e consegui até adoção para alguns cães e gatos, outrora abandonados e maltratados pelo ser humano sem compaixão.

Mas, eu não fui lá e me candidatei a voluntária. Eu primeiramente ESCOLHI me doar àquela causa. Digo, “escolhi” porque penso que tive de escolher a fazer, ou continuar sofrendo a maldita doença que me consumia.

Sempre gostei de animais, mas fazer parte da causa não era uma coisa tão fácil, como apenas ter um cachorrinho em casa. É responsabilidade pelas vidas de animais fragilizados, muitas vezes doentes, cheios de bicheira, carrapatos, pulgas, e ainda assim, sentir amor o suficiente para ajudar a cuidar. Depois, conseguir adoção e depois acompanhar por um certo período a adaptação do animal na casa nova. É sentir alegria em ver que ajudou a fazer parte de sua recuperação. É sentir o peito transbordando de amor ao fazer aquilo e quando ao deitar na cama, procurar a antiga dor e, Ops! Cadê? Eu até havia me esquecido!

Fazer o bem ao próximo, nos faz esquecer dos nossos problemas e até curar certos traumas. Sou muito grata ao pouco tempo que ajudei os cães e gatos abandonados. Eles me fizeram renascer!

Se, mesmo em meio as nossas lutas escolhermos ser bons, o universo se encarregará do resto, pode apostar!

Existem muitas pessoas que pensam que não conseguem fazer nada bom ao próximo e, que não são capazes. Mas a compaixão não precisa ser necessariamente uma coisa notória e grandiosa. Esopo disse que “nenhum ato de bondade, por menor que seja, é desperdiçado.” Então, pra quê subestimar o poder de um sorriso, um abraço, uma simples mensagem encorajadora para alguém, ou mesmo um ouvido atento para escutar um coração aflito? As vezes a pessoa só quer dividir suas angústias, desabafar...

Um dia, certo homem me disse que se mudarmos nossa atitude nas mínimas coisas, tudo a nossa volta também começa mudar. Sempre guardei essa frase motivadora comigo, e um dia desses, experimentei a verdade dessas palavras, quando deixei uma moça passar na minha frente na fila do mercado.

Não sei porquê, mas esqueci mim por uns instantes e notei o quanto a moça estava aflita com aquelas compras no carrinho, olhando no relógio o tempo inteiro e roendo as unhas de uma maneira desesperada. Com certeza estava atrasada, e então pensei:

“Por quê não ceder o meu lugar a ela?”

O curioso, foi que depois que a moça agradeceu-me, vi as outras pessoas da fila me olhando como se eu fosse uma espécie de “extraterrestre” e, claro que fiquei sem jeito, confesso pois percebi também que fazer o bem, ainda soa “estranho” para muitos. Aquela minha pequena reação mexeu com muitas pessoas que ali estavam. Mas eu consegui me colocar no lugar da moça e entender aquele sentimento.

A moça antes de sair do caixa ainda lançou-me um olhar de agradecimento e abriu um sorriso de despedida e eu acenei de volta. Comecei a imaginar se aquele mercado fosse tomado por uma descarga de bondade e compaixão!

Antologia de Fim de Ano – Compaixão

Imaginei as pessoas cedendo seus lugares na fila, ajudando uns aos outros com os pacotes pesados até o carro, arrumando as prateleiras colocando cada produto no lugar certo, compartilhando telefones, fazendo amizades... etc.

Despertei daquele “pequeno transe” com alguém da fila me cutucando, avisando que era a minha vez.

A photograph of two hands, one from the top and one from the bottom, holding a red heart. The hands are positioned as if they are about to release the heart. The background is a solid grey color. A semi-transparent white horizontal band is overlaid across the middle of the image, containing the text.

Ângelo Roberto

Matozinhos - MG

Ângelo Roberto

CONSOLAÇÃO

Quem não precisa?
Da atenção do próximo
Diante da dor sentida?
Do alento que suaviza...

Cada qual tem suas dores
Momentos desagradáveis
Independentemente de sua origem, de suas cores
Democrático, sofrimentos por vezes inconsoláveis.

Na maioria das vezes, pouco se pode fazer.
Um ombro amigo, sempre ajuda
Esse, o tem, quem faz por merecer
Quem, reciprocamente, o acuda.

Aquele que não vê
A dor do outro, ignora
Impassível, indiferente crê
Que ele também, não o será alguma hora.

Mas se for mero expectador
Incauto, se engana
Quando chega a sua dor
Da falta de atitude alheia, não reclama!



Anne Siqueira

Belo Horizonte - MG

Anne Siqueira

COMPAIXÃO

Quando alguém escolhe um caminho
Por onde na vida percorrer
Pode encontrar flor ou espinho
Conforme a natureza de seu proceder.

Na vida de um ser humano
Existem situações comprometedoras
Que modificam seus objetivos e planos
De maneira avassaladora.

Nestes momentos é imprescindível
Ouvir a voz da consciência
Para que, no mundo, seja possível
A boa conduta como experiência.

Uma boa dose de compreensão
Diálogo com serenidade
Para que a compaixão
Seja a diretriz da sociedade.

Somos pessoas imperfeitas
Querendo, na vida, progredir
A sementeira pressupõe colheita
De tudo aquilo que o homem construir.



Artton Rodrigues

Santo Antônio - RN

Artton Rodrigues

NOS SILÊNCIOS

Nas madrugadas nos cânticos
Dos silêncios de segredos das
Neblinas negras dos ventos frios
Que sopram dentro de um último
Amor quente e ardente que
Olhou pra o silêncio e nos
Silenciou dentro do silenciar no
Vazio que sobrou dos silêncios
Que amou-se e guardou-se em silencio
Este amor, está paixão chamada de
"Compaixão".

TEU PRÉFUME DE COMPAIXÃO

Nem sei mais só sei que
Hoje você deixou aqui
Em mim aquele pré-fume
Impregnado no gole do
Cheiro que tu deixaste
Preso em mim assim
Feito as gotas do "eu"
Orvalho e de "você"
Gotas das chuvas de águas
De verão da cumplicidade
Da nossa idade de compaixão

Com cheiro do pré-fume
Dos nossos segredos rasgados
De sermos um único ser entrelaçados
No cheiro cúmplice do pré-fume, que
Te perfuma hoje e me perfumou ontem
Com gotas que gotejou do universo, “sou”
Que pingou e gotejou no meu verso “você”
Aos sermos um do outro, somos apenas um ser.

ATEMPORAL

“Atemporal”
Tempo do temporal
No atemporal do
Tempo na temporada
Na varanda da escada do tempo das
Noites daqueles dias de invernos
Das nossas noites de sussurros
No grito de um gemido no tempo
Em dias atemporal, dos veraneios deixados
Pelo tempo naqueles; singelos dias
Das lembranças minhas e tuas; guardadas
Nuas e deixadas no temporal, do tempo
Feito as gotas dos pingos das chuvas,
Ao leu do sol quente do tempo atemporal
Deixados leigos e esquecidos pelas mestrias
Regentes regidas atemporal pelo velho tempo
Nas temporadas vividas e vencidas pelo tempo
Atemporal.

SOU A VIDA NO TEMPO

Sou a vida nua e crua dentro do tempo
Mais sou a vida em todos os tempos
Em preto e branco no tempo de mim
Mesmo, comigo mesmo
Dentro dos rumos do novo tempo
Da vida nas velhas
Estradas dos rumos do tempo
De atropelos do tempo de caminhos
Das longas estradas das
Vidas dos velhos recomeços;
De um temporal do tempo na
Avinda dentro do tempo
Das horas certas
No amanhecer do meio dia.



Beatriz Xavier

Serra - ES

Beatriz Xavier

A PAZ

Tudo escurece
Esperança se esquece...
Não há solução!
Tudo caído ao chão.
Tento me levantar
Tateando o ar.
Sinto o ar me faltar.
Busco em todo lugar
Um pouquinho de amor
Pra acalmar minha dor.
Algo grita: É o fim!
Ai de mim!
Por que estou assim?
Tão perdido, esquecido?
Deus não se lembra de
mim?

Me sinto tão só...
Jogado ao pó...
Quero crer, não consigo!
Não encontro um amigo
Pra me acalantar.
Mas...
Como um sopro vem vindo,
Sinto um amor tão infindo,
A paz que eu procurei.
Onde estavas? Pergunto.
E, sorrindo, me afaga,
Com ternura me fala:
Sempre estive ao seu lado
Mas você não notou!

INSANIDADE

Mundo Louco
Vida louca.
Quanto mais penso
Menos entendo .
Tá tudo tão confuso,
Tão obscuro!

O ser humano
Perdendo a humanidade .
É muita insanidade
Fato... boato.
Real... virtual...
Animal.

Depressão...	De si mesmo...
Milhões de "amigos"	De quem falo?
Solidão	De mim?
Quem se importa?	De você?
O importante é ter	Por que?
Sem nada ser.	Pra que?
Vazio...	Aonde vamos?
Medo...	O que conquistamos?
Mentira...	Pra quem será?
Até em nome de Deus.	Loucura!
Companheirismo?	Tudo passa!
Onde?	Nada fica!
Altruísmo?	Saída?
Puro egoísmo!	Lá em cima
"Humildade "	Bem acima.
Ou exibição?	Verdade
Perdeu-se a noção.	No coração.
Amor no coração?	Humilhação.. .
Dor do irmão?	Perdão...
Anestesia...	Salvação?
Hipocrisia...	Jesus!!!
Pura idolatria	



Carlos Garcia

Jaboatão dos Guararapes - PE

Carlos Garcia

SONETO DA COMPAIXÃO

Permito que em meu peito o amor faça morada
Que estabeleça prioridade em minha ação
Que infortúnio algum esmoreça nobre dedicação
E sofrimento não perdure ante a ternura vislumbrada.

Em essência sou luz, cintilo preciso
Benevolência latente, anseio da alma de ser
Gravidade amena implícita no prazer de viver
Encontra sentido ao causar paz em seu sorriso.

Concebe-se assim o paradoxo da compaixão
Sendo a dor motivo para a inteligência da bondade
Dor alheia só é amenizada com generosidade e compreensão.

Então, que o “humano ser” tenha capacidade
Renda-se ao impulso altruísta de afeição ao sofredor
Atingindo a plenitude da intenção Divina na criação da
Humanidade.



Cecília Ugalde

Rio Branco - AC

Cecília Ugalde

QUE HAJA COMPAIXÃO!

No coração humano existe amor
Mesmo no mais miserável dos mendigos
Como no céu há abundância de abrigo
Como o sol não brilhará sem sua cor.

No coração humano há um prazer
Que espera permissão para fluir
E como ondas o amor reproduzir
Irradiar bondade, harmonia e bem querer

E onde houver desespero e sofrimento
Que haja um coro divinal no firmamento
A pronunciar a fé, a esperança e o perdão

A transmutar o desamor pelo carinho
Para a tristeza levando compaixão...
Que a bondade possa assim prevalecer.

CÉU POR COMPAIXÃO

A cena era de cortar coração, mesmo que o coração fosse de pedra.

Os vizinhos que acionaram o corpo de bombeiros para apagar as chamas, disseram que na casa haviam três crianças. Dois meninos, um de quatro e outro de dois anos e uma bebezinha de apenas cinco meses.

Os bombeiros procuravam as crianças...

– Aqui não tem ninguém.

– Aqui também não.

Em toda casa (mista: madeira e alvenaria) só havia as marcas do sinistro.

Tudo era apenas cinzas e alguns volumes de carvão aqui e acolá.

Junto com as cinzas do colchão queimado, estava Alice, de cinco meses, em um pacotinho tão pequeno que cabia apenas em uma mão, só sendo possível saber que era ela, pela forma. Seus cinco meses de vida tinham sido tragados pelas chamas.

O bombeiro a pegou com todo cuidado possível e sobre aquele pequeno pedaço de carvão, derramou grossas lágrimas de tristeza, horror e compaixão.

Mas faltava encontrar os outros. Onde estariam? Teriam conseguido escapar? Sair de casa e se proteger em algum lugar?

Segundo os vizinhos, não foi possível socorrer as crianças porque a porta estava com corrente e cadeado. Nesse caso, eles não saíram. Não tinham como sair.

Quem tinha saído era a mãe.

A partir dessas informações, os bombeiros decidiram procurar mais. E acharam. Pedro Henrique e João Victor, na

tentativa de escapar das chamas, foram para baixo da cama e morreram abraçados, formando uma só pedra de carvão.

Quando a mãe chegou, caiu por terra, berrando aos céus a sua dor, diante do aglomerado humano que se formara no lugar que antes era sua casa. Os presentes, cruzavam olhares de acusação e desprezo. Uns faziam fotos, outros filmavam a pobre mulher que ali gritava, sem nenhuma sensatez.

Ninguém quis saber se ela estava sofrendo o indizível, pela trágica perda de tudo o que tinha... os três filhos, que o fogo levou. Ela era culpada por ter deixado as crianças sozinhas.

A sirene do carro da polícia tinha um brilho fúnebre, naquela noite de 20 de dezembro, e em pouco tempo o agente policial pegava a mulher pelos ombros, obrigando-a ficar de pé, ao mesmo tempo que fechava um par de algemas em seus pulsos. Ela estava presa por abandono de incapaz.

Seus gritos de dor e horror pela tragédia não comoveu ninguém, exceto uma senhora de idade avançada, que se destacou da multidão, acenou para o policial num gesto de “espere”, aproximou-se e a abraçou demoradamente. E enquanto as grossas lágrimas da ré molhava as duas, a velha senhora sussurrava em seu ouvido:

– Que Deus tenha compaixão da sua alma!

A photograph of two hands, one from the top and one from the bottom, gently holding a bright red heart. The hands are positioned as if they are about to release or are carefully holding the heart. The background is a soft, out-of-focus grey. A semi-transparent white horizontal band is overlaid across the middle of the image, containing the text.

Claudia Lundgren

Teresópolis - RJ

Claudia Lundgren

CHAME O MENINO

Chame o Menino
Quando triste estiver
Quando não mais suportar
O peso das agruras da vida
Chame o Menino
Ele te ajudará.

Ele te fará sorrir
Em seus momentos de dor
Sua alegria contagiante
Te servirá de motivo
Para prosseguir
Será seu melhor amigo.

Chame o Menino, quando você chorar
Com a inocência de uma criança
Tuas lágrimas Ele enxugará
Ele tem esse poder
De te consolar.

Chamei o Menino
Para comigo sempre andar
Desde que Ele chegou
Minha vida mudou
Sem Suas mãozinha nas minhas
Já não sei caminhar.

EU VEJO DEUS

Vejo Deus nas flores,
No milagre do desabrochar!
E quando suas pétalas caem,
mesmo morta, converte-se em adubo
Para outras, vida dar.

Vejo Deus no Céu anil
E também na tempestade.
Quanto temo o trovão
Me diz: “Sou Eu, regando o mundo!”
E me afaga com Sua mão.

Na porta que se abre
e também na que se fecha;
vejo a mão de Deus em tudo!
Me traz oportunidades
Também livra-me da flecha.

Vejo Deus no teu sorriso
E igualmente no lamento.
Alegria traz renovo,
formoseia mais o rosto,
e o chorar traz crescimento.

Vejo Deus quando alguém nasce
e também quando Ele colhe;
só mudamos de endereço.
Ao nascer, festa na Terra
E no Céu, quando se morre.

ANSEIOS

Este ano, amor,
quero os beijos que não demos,
os abraços frustrados,
suas mãos nas minhas, sem medo.

Esse ano, meu bem,
quero ir a lugares que não fui.
sem correr nenhum perigo;
correr o mundo contigo.

Esse ano, querido,
não quero cotoveladas,
nem viver escondida
por trás da máscara.

Esse ano, amado,
quero em você meu abrigo
das noites em que temi morrer
sem jamais voltar a lhe ver.

Esse ano, minha vida,
quero as juras de amor contidas;
as palavras que não dissemos
devido ao peso dos dias.

Esse ano, amigo
quero com gratidão celebrar;
agradecer a Deus pela vida
e por poder te reencontrar.

A photograph of two hands, one from the top and one from the bottom, holding a red heart. The hands are positioned as if they are about to meet or are gently holding the heart. The background is a solid grey color. A semi-transparent white horizontal band is overlaid across the middle of the image, containing the text.

Dalvilson Policarpo

São Paulo - SP

Dalvilson Policarpo

AME-SE

Falo do amor pois abarca tudo.

Do amor amigo,
do amor oculto,
do amor bandido.

Do amor plural,
do amor doente,
do amor imoral,
do amor carente.

Falar de amor já é amar.
Falar em amar é amor.

Quem acha que ama,
sempre se engana,
pois no amor não se acha,
nem se é achado pelo amor.

Para amar, basta estar:
Aberto, propenso, a fins, de boa,
atento ou à toa,
pois no amar e no amor,
não se pode regras impor.

Amar é estar livre,
se sentir livre,
libertar,
aceitar o que vier.

Enfim, amar,
começa quando nos amamos
em primeiro lugar.



Edna Marilda

Matozinhos - MG

Edna Marilda

Presidente da AMALETRAS - MG

COMPAIXÃO

Compaixão não é apenas um pedaço de pão
Compaixão é dar ao próximo um bocadinho de chão
Terra digna de habitar
Onde do cio fará brotar
Brotar o trigo, fomento da compaixão
Compaixão não é ter dó
Compaixão não é comiseração
É ter pelo próximo ou o distante
Aquele Amor puro e constante
É doar-se e ver-se sozinho
Pois compaixão não pede retribuição
Pede apenas, do outro, carinho.
Compaixão é ter tudo e não ter nada
É viver de cara limpa, desmascarada,
É dizer nos olhos, que ama e perdoa
É abraçar o irmão por aí, à toa.
Compaixão é ter coração puro
É dar ao estranho um "bom dia" no "escuro".
É acolher José, João ou Maria
Severino, Joaquim ou Luzia.
Afinal, com paixão já diz tudo
Ou queres me dizer que tudo dito é absurdo?

Edna Marilda. Presidente da Academia de Letras, Ciências e Artes de Matozinhos, presidente do CMC de Matozinhos. Academia: AMALETRAS.



Eulália Costa

São Luís - MA

Eulália Costa

FESTA NATALINA

Brindando o motivo principal
Comemorar a festa natalina
Soa longe, uma festa cristalina
Sendo assim, não teremos nada igual
Mudamos o clima e fica legal!
Cremos que o nascimento foi tranquilo
Humilde festa em grande sigilo
Com estilo trazendo companhia
Jesus só quer mais alegria
Com amor e bondade no natal!

Glosa: Eulália Costa

Mote: Iranilde Marques



Gustavo Dourado

Brasília - DF

Gustavo Dourado

Presidente da ATL - DF

CORDEL DO NATAL

Nos idos da Babilônia
Foi Zagmuk festival
O Natal é festa antiga
Tanto quanto o Carnaval
Na velha Mesopotâmia
Celebração cultural

Marduk enfrentou o caos
Fazia-se um festival
As pessoas se uniam
Para combater o mal
Para salvar o povo
Em sacrifício ritual

Que significa o Natal?!:
Solstício de Inverno/Verão
Ritual, festa e liturgia
Crística manifestação
Luzes da cosmogonia
Na cidade e no sertão

Confraternização de paz
Prazer e gastronomia
Baco e Dioniso na festa

Cristaluzes da alquimia
Pão e vinho consagrados
Pela divina eucaristia

Família, paz e amor
Na cultura ocidental
Zeus luta com Cronos
No Olimpo sideral
Em Roma a Saturnália
Nas raízes do Natal

Jantares, festas na ruas
Com velas e ornamento
Sol invitcus brilhante
Dáva-se o nascimento
Alegria e presentes
Grandioso movimento

336 depois de Cristo
Surgiu o nosso Natal
Ouro, incenso e mirra
Na raiz do festival
Reis Magos e Pastores
Lá da banda oriental

Tinha jejum e comunhão
Um lanche era servido
Como o tempo evoluiu
Um novo rito definido
Frutas, bolo, panetone
Bem assado, bom cozido

São Francisco fez presépio
Lutero a árvore enfeitou
Atos de ecumenismo
O costume prosperou
As meias e sapatinhos
Na chaminé nos chegou

Em 1881
Publicidade total
A Coca-Cola criou
O Papai Noel atual
São Nicolau tornou-se
Um mito comercial

Jesus foi incorporado
Pelo Império Romano
Houve adaptação
De Cristo o sol arcano
Alfa e Ômega que brilha
No multiverso soberano

Depois veio o peru
Hábito americano
Bacalhau e rabanada

Um costume lusitano
Biscoitos deliciosos
Desde o tempo romano

Uvas, vinhos, champanhe
Pinheiro, Árvore de Natal
Enfeites e ornamentos
No rito tradicional
Menino Jesus em cena
Missa do Galo ao final

Pra sublimar a miséria
Consumália e fartura
Ultrapassemos a crise
Divida-se a rapadura
Endurecer se for preciso
Mas sem perder a ternura

Em tempo de pandemia
Precisamos nos cuidar
Zelar pelo semelhante
Saber se distanciar
Cultivar a harmonia
Pra depois se aproximar

Não proliferar o vírus
Saber como festejar
Usar bem o protocolo
Evitar-se aglomerar
Ter esperança e fé
O novo tempo vai chegar

Pra você tudo de bom
Saúde...Fraternidade
Um Natal de equilíbrio
Luz...Solidariedade
Paz...Amor e Alegria
Sucesso e Felicidade

Um Ano-Novo de glórias
A sua estrela vai brilhar
Que tudo se concretize
Possa a vitória alcançar
Realize os seus desejos
Conjugando o verbo amar

CORDEL DE ANO-NOVO

Festival do Ano-Novo
Desde a antiguidade
Na velha Mesopotâmia
Foi grande festividade
Nos tempos de criança
Festejei tal novidade

A 23 de setembro
Ano-Novo celebrado
Pérsia, Assíria, Fenícia
No Egito...Sol adorado
Na Grécia em dezembro
Era bem comemorado

2.000 a.C
Começou o Festival
Na antiga Babilônia
Foi festa primordial
Equinócio primaveril
A Lua Nova magistral

Na Roma antiga o festejo
Em março era bem dado
Depois passou a janeiro
Por ser Jano cultuado
Há muito o Ano-Novo
Pelo povo é celebrado

Festejava-se em março
Era festa de primeira
O povo aproveitava
Sacudia a pasmaceira
Saudava o Sol nascente
Depois da noite festeira

Em 153 a.C:
O ano-novo romano
A festa consolidou-se
No calendário juliano
Dia 1º de janeiro
Calendário gregoriano

Em 25 de Março
Era o ano festejado
Chegava a primavera
No mundo do outro lado
Até primeiro de abril
Novo ano cultuado

Gregório XIII instituiu
O primeiro de Janeiro
Hoje é comemorado
No Ocidente inteiro
E até lá no Oriente
Já é ato costumeiro

Mudou-se o calendário
O povo festeja a mil
Resquício da tradição
O primeiro de abril
É o Dia da Mentira
Na Europa e no Brasil

Na noite de São Silvestre
O povo fica acordado
Para a virada do ano
É preciso estar ligado
Noite de dormir pouco
É costume consagrado

O Ano Novo chinês
É móvel no calendário
Em janeiro ou fevereiro

Li no Perpétuo Lunário
Lumes e pirotecnia
Fluem do vocabulário

A 19 de março
Do calendário atual
Ano-Novo esotérico
De cunho espiritual
Resgata-se a tradição
De um tempo imemorial

Hégira... Rosh Hashaná
Buda... Moisés...Maomé
Cristo Jesus em Belém
E o Menino de Nazaré
Harmonia para o mundo
Menos bomba, mais café

Pé de porco e lentilha
Gritar, correr e dançar
Bombom, bala e doce
Festejos a beira mar
Oferenda para o santo
Fogos explodem no ar

Para você tudo de bom
Saúde e Felicidade
Novo ano de harmonia
Luz.Solidariedade
Paz...Amor e Alegria
Sucesso...Fraternidade

Corte o mal pela raiz
Chega de insanidade
Viva-se a comunhão
Basta à barbaridade
É hora de ter união
Paz, amor e liberdade

Haja fogos, oferendas
E os gritos de alegria
Chega de guerra e terror
Fome, ódio, hipocrisia
Paz e amor para todos
Saúde e sabedoria

Belos fogos de artifício
Abraços e buzina
Sonhos e esperança
Nossa alma renovada
Pelo fim da violência
Paz e amor na jornada

Deseje o bem a todos
Faça-se a renovação
Troque a roupa, lençóis
Alivie a sua tensão
Sorria e se ilumine
Faça uma boa ação

Seis, cinco, 4, 3, 2, um:
A contagem regressiva
Um adeus ao ano velho

Viva a vida progressiva
Sem guerra e atormento
Consciência reflexiva

Um Ano-Novo de luz
O novo sol vai brilhar
Que tudo se concretize
Possa tudo melhorar
Multiverse o dia a dia
O novo ano vai raiar

Depois das festividades
Volta-se à realidade
Pelejas do cotidiano
No campo e na cidade
Trabalhe com fantasia
Na busca da eternidade

Em tempo de pandemia
Vamos todos nos cuidar
Não transmitir o vírus
Sem ligar para o azar
Agir com consciência
Um novo ser despertar

Acordar para a verdade
A vil mentira evitar
Ser sábio e coerente
Saber conscientizar
Despertar cidadania
Conjugar o verbo amar

Novo ano que acorda
Vamos nos harmonizar
Cultivar a irmandade
Humanidade a cantar
Ser sol solidariedade
Os sonhos multiversar

Que o Ano-Novo ilumine
Com paz e felicidade
Que o mundo evolua
E floresça a liberdade
Que o Amor prevaleça
E haja mais boa vontade

Agora é pra valer
2021 logo vigora
A vida a nos guiar
Na poesia que aflora
Vamos todos navegar
Por multiversos afora

2020 dormiu
2021 acordou
Continuemos na luta
Novo sonho despertou

A musa renova o verso
E a poesia transmutou

REFLEXÃO DE ANO-NOVO

Mais um ano se finda
Um novo ano que vem
Manter a cabeça erguida
Não fazer mal a ninguém

Perigo em cada esquina
Cuide dos seus e da rua
Fazer o bem é o caminho
A luta sempre continua...

Chega de ódio e mal
Melhorem a sociedade
Cultivem amor e alegria
Um basta à infelicidade

Ame a paz a natureza
Respeite o semelhante
O que deseja a outrem
A ti retornará adiante

A photograph of two hands, one from the top and one from the bottom, gently holding a bright red heart. The hands are positioned as if presenting the heart. The background is a solid, light gray color. A semi-transparent white horizontal band is overlaid across the middle of the image, containing the text.

Heloísa de Freitas Abrahão

Itajaí - SC

Heloísa de Freitas Abrahão

COMPAIXÃO

Foi uma noite muito especial.
Os sinos reverberaram cantigas suaves.
Cornetas soaram divinamente,
Anunciando o tão ansiado desejo.

A benfazeja compaixão,
Ora branca, ora dourada,
De alvura imaculada,
De dourado esplendor.

Nasce no coração do homem,
A solidariedade amiga,
A fraternidade construída.
O sentimento da irmandade.

Paz na Terra entre os seres.
O amor se desdobra, união!
O Espírito cuidadoso, evolui!
Da compaixão nasce a evolução!

COMPAIXÃO

O coração bate em ritmo acelerado.
A garganta seca, a voz embargada, cala!
Compadecer pela dor alheia.
Desejo de aliviar o sofrimento do outro.

O altruísmo transborda pelos poros.
Pulveriza no ar, atraindo parceiros.
O povo solidário movimenta-se ao som,
Da sensibilidade contagiosa!

Os que praticam o voluntariado,
Numa empatia maravilhosa,
Acabam com medo e a fome,
Injetam a esperança aliviando sofrimentos.

É tempo de esperança!

COMPAIXÃO de si. (acróstico)

Condolências por seus erros.
Onde está tua sensibilidade?
Misericórdia por tuas falhas!
Piedade pela não evolução.
Aversão ao pedante “sabe tudo”.
Igualdade, o caminho escolhido.
X marcado no livro da vida.
Alívio pelo auto perdão.
Ontem foi cobrança, hoje redenção.

O importante auto perdão!

COMPAIXÃO (da infância).

Lá está aquele pequenino menino,
Brincando na lama de novo.
Os pés descalços, a blusa furada
Os cabelos sem corte definido.

Vem correndo irmãzinha,
Vestido rasgado, grande a sapatilha.
A vida vira pro lado, faz que não vê.
No canto dos olhos corre o filme de horror.

Que lástima de películas da vida.
Comiseração, dó, compaixão?!
Aqueles crianças vivem na miséria.
É duro superar essa dor.

Pelo menos uma vez no ano,
Lá no último mês, clemência!
Nasce a compaixão no povo.
Trocamos a lama por brinquedos.

No armário da cozinha, fartura.
Na geladeira mais do que água e pão.
No coração alívio e alegria.
Na alma a esperança do irmão!

A COMPAIXÃO MULTIPLICOU!

Na noite de vinte e cinco de dezembro Ana tinha em sua mesa da cozinha sobras de comidas deliciosas. Ela pensou em congelar para aproveitar em outra ocasião, mas algo tocou seu coração, uma voz pediu para levar as comidas para as pessoas que viviam na rua.

Pegou descartáveis, talheres, copos, montou quatro pratos bem recheados e pensou:

“hoje quatro pessoas não dormirão com fome.”

Colocou os pratos em sacolas descartáveis no banco de trás do carro e foram, ela e o esposo Lino fazerem as entregas.

Ao chegarem a rua principal, não encontraram ninguém.

Depois de um tempo, Ana abordou um homem que estava deitado na calçada. Perguntou se gostaria de um prato de comida. Ele agradeceu e disse que tinha acabado de jantar.

O segundo, falou que tinha comido na sua casa (ela se enganou, opssss, “coisas de Laurinha”).

Ana pensou aliviada, que talvez naquela noite não encontraria pessoas com fome no centro da cidade. Começaram a voltar pra casa pela outra rua e encontraram dois homens sentados numa calçada perto da igreja matriz, ao perguntar sobre a comida, ambos levantaram contentes.

Lino entregou o primeiro prato, o segundo e apareceu mais pessoas. Entregaram toda comida e ainda tinham três pessoas pedindo. De onde surgiram?

Um senhor com mais idade, aproveitou a ocasião e pediu um cobertor e um jovem uma blusa.

Ana avisou que a comida tinha acabado, mas que eu iria providenciar um lanche para aqueles que não ganharam. De onde saíram essas pessoas, não tinha mais ninguém ali?

Ana e Lino voltaram para casa e fizeram três mistos quentes para cada um dos três homens, uma garrafa de refrigerante, copos descartáveis, o cobertor, o casaco e lá foram eles. Entregaram o cobertor e a blusa e quando começaram a entregar o misto, apareceram umas nove pessoas. Eles tiveram que distribuir um lanche para cada. Ana ficou com muita pena.

Ela gostaria de sentar com cada um e saber a sua história.

Eles agradeceram, alguns tentaram aproveitar o momento pra pedir outros objetos e antes que voltassem para casa, Ana falou para todos:

— Quem pediu para eu vir aqui hoje, foi Jesus, Ele pediu pra dizer que ama vocês.

Feliz Natal!

Ana não pode multiplicar os pães, apenas dividir e levar a sua boa energia. Ela acredita que esse momento foi arquitetado pelo universo.

O que mais chamou atenção foi a multiplicação de moradores de rua.

Ana jura que só tinham dois.



Ignesz Xavier

Mantena - MG

Ignéz Xavier

JESUS CRIANÇA

Jesus se faz criança,
Pra vir nos visitar,
Trazendo paz e harmonia,
e a todos alegrar.

Vamos nos dar as mãos, e a Jesus agradecer:
Pelos frutos que colhemos.
Para o nosso bom viver.

Pela chuva, pelo sol, por um céu tão estrelado
Pelos rios, pelas plantas,
E o verde do roçado.

Pelas flores multicores,
Que enfeitam a natureza
Pelos pássaros que voando,
Com tanta graça e beleza.

Pelas borboletas que voam, com tamanha sutileza,
Pelos pequeninas abelhas,
Que trazem mel à nossa mesa.

Por todos que sofrem,
Sem perder a esperança,
E não deixam de agradecer
No Natal, a Deus-criança!



Jacqueline Souza

São Paulo - SP

Jacqueline Souza

COMPAIXÃO

– a arte de amar com paixão

A palavra compaixão
Dita, muitas vezes, ao léu e até com aversão
Sem significação
Todavia se tirarmos o com de compaixão
Sobra paixão
Aquela que inquieta o coração
Levando o sujeito à perdição
Porém se deixarmos apenas o com sem paixão
Ficará quase sem noção
Faltando emoção
Deixando solidão
Com e paixão
Precisam estar em união
Para ter significação
Mas, afinal, o que é compaixão?
É a arte de amar com paixão
Para perfeição
Apiedar-se da situação
Colocar-se no lugar do irmão
Um ato de beneficiação
Que enaltece o coração

A photograph of two hands, one from the top and one from the bottom, gently holding a bright red heart. The hands are positioned as if they are about to pass the heart to each other. The background is a solid, light gray color. A semi-transparent white horizontal band is overlaid across the middle of the image, containing the text.

Jusmaria Carvalho

Mendonça - SP

Jusmaria Carvalho

PESSOAS ESPECIAIS

Pessoas especiais
Têm habilidades
De ajudar aos demais
Com a sua bondade

São honestas de atitudes
E cheias de virtudes
Sinceras e compassivas
Atenciosas e compreensivas

Com paz e harmonia
Ternura e compaixão
Dentro do coração

Refletem a alegria
Afastando toda a dor
Com seu imenso amor.

CARIDADE

Nos ensina a caridade
A viver em união
Ter cuidado e piedade
De maneira incondicional
Na beleza do amor Fraternal
Da humildade e gratidão

Não julgar e ter compreensão
Pelos atos de cada irmão
Mesmo quando há discórdia
É necessário misericórdia
Todo zelo e compaixão

Demonstrar amor e bondade
Por todos sem restrição
Pois apesar dos desfeitos
Todos nós somos feitos
De matérias da eternidade
No caminho da evolução.



Luzia Lina Correa

Belo Horizonte - MG

Luzia Lina Correa

PERDÃO

Sete vidas, um corpo.
Sete notas, uma clave,
Infinitos sons.

Sete anos prorrogáveis de serviços do pastor,
sete anos de paixão,
sete séculos de sonhos
e muito mais que sete devoções
cabem certos e medidos
em sete palmos de chão.

Sete palmos não comportam
setenta vezes sete vezes de perdão,
mas tudo deve caber
em meio palmo de coração.

Então,
meio palmo vezes sete,
vezes sete
vezes sete...



Marcos Vieira

Castanhal - PA

Marcos Vieira

UM SIMPLES POETA E NADA MAIS

Se eu tivesse criado o amor
Eu não seria um poeta.
Se eu tivesse criado a flor
Minha vida seria quieta.

Se a vida não me ensinasse a viver
Quem sabe eu a ensinaria
O futuro de mim é morrer
A minha criação é a minha alegria.

Assim fico escrevendo
Oque a vida em mim faz
Escrevo oque estou pensando,
Pois sou um simples poeta e nada mais.



Mario de Almeida

Castanhal - PA

Mario de Almeida

COMPAIXÃO

É um ato de união
De esperança
De paz
De amor
É praticar o mais lindo ato
Com
Paixão

É se preocupar com o outro
Compreender o outro
Ajudá-lo
Diminuir o sofrimento
Com
Paixão

Não é um ato de pena,
É um olhar mais amplo
Que libera os outros
Das dores e sofrimentos
É a empatia
Espalhada no exemplo

Antologia de Fim de Ano – Compaixão

Compaixão

É uma junção plena
União de sentimentos
Que leva ao altruísmo

Ação essencial

Para a sobrevivência humana

Com

Paixão
É amor

Em construção



Mel Silva

Sete Lagoas - MG

Mel Silva

Autora Mirim, 9 anos/idade

RESGATE DO CORAÇÃO

Vi o Jujuba no chão
Caído, pálido, sofrido.
Logo bateu forte o coração,
O resgate jamais vivido.

Jujuba era brincalhão,
Forte como um trovão!
Por um momento
Seu dono perdeu a razão.

Abandono e malquerença.
Aí, fiz a diferença:
Com muita compaixão,
Adotei o bichano com emoção.

Hoje somos felizes
Apesar das cicatrizes.
Resgate de vidas infelizes.
Bondade, caridade, liberdade!

PROFISSÃO COM-PAIXÃO

Uma menina tão pequenina
Sonha estudar medicina.
Arrancando pétalas da flor,
Descobre o seu grande amor.

Menina valente,
Sempre sorridente,
Quer ser competente
Pra ajudar muita gente.

Trilhou o caminho do bem.
Ajudou sem olhar a quem.
Sonho de infância,
Agora com muita relevância.

Doutora com louvor
Cuida de todos com muito amor.
Médica de coração.
Bela profissão, com-paixão!



Mitiko Une

Rio de Janeiro - RJ

ERA UMA VEZ

Morando no sertão
Para os meninos
De sete e cinco
Era um tempo
De conviver
De aprender
E repetir
O papai e a mamãe
Para João e Pedro
De seis e quatro aninhos
Brincando
De plantar
Criar porcos
Ordenhar vacas
E cuidar das galinhas
Brincam e
Divertem
Um João diz:
Vamos matar porco?
Eu sou o papai
E você é o porco.
Então ele enfia
O facão
No irmão
Ele grita
João está feliz
Grita! Grita!

Pedro deixou de gritar.

Grita mais

Pedia João

E nada.

Foi uma interrogação

Na cabeça do irmão.

Depois a explicação.

A notícia se espalha

Até no arraial

Um sentimento

De compaixão

Aos pais

Pela ingenuidade

Do João

Matando o irmão.

Um filho se fora

Uma tristeza

Uma surpresa

E muita

E muita compaixão

Da vizinhança

E também

No arraial.



Neusa Bernado

Coelho

Palhoça - SC



Neusa Bernado Coelho

PARE!

Escute o planeta inteiro!
A mensagem e o mensageiro,
Recrie a vida,
E a paz esquecida.

Tenha compaixão pelo mundo,
Seja sensível!
Transforme o ano Novo, fecundo,
Com amor indelével.

Pare a destruição,
E a poluição!
Pense no coletivo,
Seja afetivo!

Pare a discriminação!
Olhe no jardim, os pássaros, a solidão,
Observe a natureza viva, as estrelas no céu,
Bordado de nuvens como véu.

Tenha Deus no coração.
Com a força da oração,
Transforme a terra,
Acabe a guerra.

Não tenhas medo!
O ritmo do enredo,
É para ouvir o chamado,
De nosso Deus amado.

Seja solidário!
Com fé e esperança,
Comece a mudança.
Nada será como antes, de norte a sul,
Haverá um novo planeta azul.

Deslumbre o futuro,
Árvores e ar puro,
Rios cristalinos.
Com alegria, faça poesia,
Seja o criador de seu o destino!

AINDA ESCREVO POESIA

Tempos difíceis, virulento,
Espera o advento.
Expresso ideias e sentimentos,
De minh'alma obscura,
Com leveza e brandura.

Escrever é meu acalento.
A inspiração vem de longe,
Com o vento.
Do infinito, ávido
A tocar-me o ouvido.

Às vezes tão rápido,
Em fragmentos, intrépido,
Como fantasia de criança
Sacia-me a esperança.

De meu recanto,
Vejo o sol pela fenda a brilhar,
A alvorada do luar.
O mistério de homens distanciados,
Desolados
Ruas esguias,
Vazias!

Rogo à estrela-guia,
Enxugue meu pranto, um dia.
Desfaço o espanto da realidade,
Com a oração da serenidade.

Paciência polida,
De bons espíritos unvida.
Em segredos a revelar,
Deslumbro vida nova desabrochar.

Minha esperança,
Jamais se cansa!
Persevero na alegria.
Entre euforia,
E crença,
Ainda escrevo poesia!



Neuza Berti Albarello
Goiânia - GO

Neuza Berti Albarello

COMPAIXÃO

Amo a vida
Amo o irmão
Amo, ter compaixão

Pelo amigo
Pelo irmão
Pela família
Pela união

Deus no céu
Nós na terra
Anjos voam
Compaixão a todos.

COMPAIXÃO

Tirando o (com)
Tenho a palavra
Paixão
Paixão a Deus
Paixão ao irmão

Recoloco o (com)
Compaixão
Aos que ficaram

Antologia de Fim de Ano – Compaixão

Aos que se foram
Aos que choraram
Retiro o (com)

Paixão a tudo que fizemos
Paixão aos que amamos
Paixão a família

Paixão ao irmão
Ao novo ano
Sem sofrimento
Com compaixão.

COMPAIXÃO

Ter compaixão é ver o irmão
Como seu próprio irmão

Sem diferenças
Com amor
Na dor, na união
Como irmão

O mundo não mudará
Você é o mundo
Colherá as flores que semear.



**Neuza de Brito
Carneiro**

Feira de Santana - BA

Neuza de Brito Carneiro

PAZ QUE TRANSCENDE

Quando aprendi a dar graças por tudo,
Sem pleitear por que o que me acontecia
Muitas vezes fugia da minha vontade,
Recebi do alto a paz que transcende
Aos meus fracassos e frustrações.
Então percebi que há
Uma autoridade suprema
Na qual devo confiar,
Pois sei que meus caminhos tortos
Ou pensamentos dúbios
Nem sempre cruzam
Com os Daquele que tem a vida em
Suas mãos.
Não confiar em homens
É um princípio de sabedoria.
Que têm eles para me oferecerem?
A paz que sinto
Transcende meu entender.
Logo me deito e pego no sono,
Confiando naquele que é
A minha alegria, minha força,
Meu alto refúgio, meu cântico de gratidão
E minha inexprimível salvação.
Dessa maneira vivo!



Paula Belmino

Lagoa Nova - RN

Paula Belmino

ACREDITE

É preciso acreditar...
Há mais bondade que maldade no mundo
O bem sempre vence o mal
Mais vale o sonhar junto,
Ao devaneio solitário.
E alentar a dor que se sente
A força da poesia é resistência
Há o tempo para sarar feridas
Existe ainda vida, mesmo quando a morte grita
Há esperança,
É preciso acreditar
Sempre passa, tudo passará
O vale, a dor, o choro, o mal.
Se há guerra
O amor vencerá!



Ravi Silva
Sete Lagoas - MG

Ravi Silva

Autor Mirim, 12 anos/idade

UM SOPRO DE AMOR, POR FAVOR!

Num momento de isolamento
Procura-se argumento
Do livre convencimento,
A cura da dor e do adoecimento.

Estender a mão
Pode salvar um coração.
Simpatia, harmonia...
Mata a dor que irradia.

A magia da amizade
Se torna realidade.
Fundamental para a sociedade
Conversa sem maldade.

Apoio e compaixão
Auxílio contra a depressão.
Um gesto majestoso
Dentro de um sorriso gostoso.

No lugar do ódio, bondade.
Sem perversidade,
Apenas caridade
Em qualquer oportunidade.

Antologia de Fim de Ano – Compaixão

Assim o bem nos quer
Para tratar o que vier.
Com ternura e alegria
Se combate a agonia.

Um sopro de amor,
Por favor!
Por mais ternura
E menos amargura.



Rose Chalfoun

Lavras - MG

Rose Chalfoun

HORAS DE MELANCOLIA

Onde nos levam os nossos pensamentos?
Os caminhos se encontram nos desencontros,
A cada momento se distanciam!
O riso de hoje se apaga bem aqui dentro
E vêm as horas de melancolia!

De onde surge a nostalgia
Daquele dia que ainda se faz presente?
Tão próximo, um claro e belo dia!
Eram risos de esperança, vívida alegria
Que assim tão rápido se desfizeram
Dando lugar às sombras da melancolia!

Que volte o sol a nos mostrar
Quem sabe? O que foi dito ou o não dito
Que nos sombreou o hoje tão próximo
Do ontem sem defeitos!

Onde escondeu-se, o coração valente
De alguém que as dores enfrenta bravamente
Mas que hoje se deixou tombar?

Que brilhe o sol em sua justa filosofia
E leve o que o peito aperta e a dor aflora
Mostrando-lhes que devem ir-se embora...
A essas longas horas de melancolia!

CONFISSÃO

Padre, peço-lhe a bênção,
Porque, deliberadamente, pequei!
Ficou pesado o meu coração
E, de repente, eu me lembrei...

Hoje nasceu um novo/velho dia!
Velho dia, pois na memória,
Em meio a tantas e tantas outras,...
Aquela história, presente se fazia!

Um dia, padre, renunciei à vida
Deixei lá atrás o que me parecia
Até então, ser o meu porto seguro!
O meu mundo, ali cabia!

Por lá ficaram os sentimentos
Que guardei a sete chaves
Os segredos, os momentos...
Até as terras deixei! Não nego,
Sinto saudade...

Foi por amor que me afastei
Covarde fui, eu sei!
Mas foi por um amor tão grande
Avassalador! Foi por muito amor!

Padre, agora estou só!

Peço-lhe a bênção, Padre,
Mas, eu NÃO pequei!



Samanta Aquino

Matozinhos - MG

Samanta Aquino

CULTIVANDO A COMPAIXÃO

Cambaleante o andarilho passa despercebido pelas ruas, pela vida. Costuma andar pelos bares e padarias, cabisbaixo e com a sua mão pedinte. Às 07:00 horas, deixa a ponte da praça central, caminha sem rumo, sem nome, sem identidade. O que te acompanha, é um cachorro e um olhar atento. Para em uma esquina, vê a senhora abrindo a padaria. Ele sem dinheiro, sem nada que agrade aos olhos dela, revolve somente pedi-la o que tiver ali, o que puder suprir a manhã de mais este severino no mundo. Então, a senhora lhe dá um pão, não o mais belo, não o que seria ideal para se degustar, mas o que restou da fornada do dia anterior. E acompanhado do pão, veio um gole de café, em um copo descartável.

A senhora o conhecia, sabia os nós da vida que o levaram até ali. Assim o andarilho cambaleante, marginalizado e sem nome, vai até a praça. Senta-se no banco e decidi que ali vai ser sua ceia. No meio daquela turbulenta monotonia, alguns transeuntes passavam pela praça e entre eles, estava o Sr. Jorge, um comerciante muito conhecido ali na região. Sr. Jorge estava acompanhado do seu afilhado Fernando, e em dado momento, o senhor que já não ponderava sua voz, falou ainda mais alto:

– Veja Fernando! Você defende o pessoal deste bairro, mas essa praça é a pior praça que alguém pode passar. Plantei quinze sementes de girassol aqui ontem e elas estão a torrar no sol por falta de água.

– Eu não estou defendendo ninguém meu tio, só não acho que você deveria generalizar tudo. – respondeu o garoto.

Ouvindo aquela conversa o andarilho se pôs a pensar em voz alta:

– Quinze sementes? Nenhuma gota de água? Isso está errado as sementes vão morrer.

Logo o andarilho colocou-se a pensar em uma solução para aquilo. Foi quando ele resolveu voltar a padaria e quis saber pela senhora, se alguém ali no bairro cuidava da praça. A senhora gentilmente lhe respondeu, que era o Sr. Veríssimo o líder da Associação de Moradores, e também proprietário de um Sebo no centro da cidade, onde o poderia encontrar.

Então o andarilho, juntamente com seu cachorro, fiel companheiro destas horas, foram até o Sebo do Sr. Veríssimo. Chegando lá, o andarilho avistou o ajudante, que também é neto do Sr. Veríssimo, lavando a entrada do Sebo, e pediu-lhe para chamar o senhor até a porta.

Quando o senhor Veríssimo se aproximou indagou o andarilho o motivo da sua visita e o mesmo lhe respondeu:

– Eu sei que nós não nos conhecemos o suficiente para isso, mas é que eu vi que as torneiras da praça, perto do viaduto, são presas ao solo e tem uma caixa guardando cada uma delas, nessas caixas tem cadeados. A minha intenção é regar o jardim, eu ainda não tenho um regador, muito menos uma mangueira, mas eu fiquei sabendo que tem quinze sementes de girassol naquele solo, se eu não as regar, elas morrerão. Eu preciso das chaves para ter acesso a água. Peço muito que confie em mim, se quiser, depois pode ir até a praça conferir meu trabalho.

– Olha, confesso que há muito tempo alguém não me pede para cuidar daquela praça e eu tenho o meu Sebo, meu neto vem me ajudar, só que ele estuda e também não

conseguiria catalogar os livros como eu. Eu posso lhe dar as chaves, mais irei a praça três vezes por semana verificar o seu serviço. Hoje vou lhe acompanhar até lá, mostro-lhe as chaves de cada uma das caixas e vou lhe conceder também uma mangueira para a jardinagem. Só que devo lhe avisar que eu não ganho nada com o Sebo e não vou conseguir lhe remunerar pela sua contribuição.

– Fique em paz. O que farei não será por dinheiro, eu só não quero que aquelas sementes morram.

– Tudo bem. Vamos. – disse Veríssimo, fechando a porta do Sebo.

Lá na praça Veríssimo deu as instruções necessárias para o homem, disse como abria as caixas e o horário que o mesmo deveria ir ao sebo lhe entregar as chaves.

– Te espero no Sebo todo dia, até o final do seu trabalho, às 16:00 horas, se não me encontrar deixe as chaves com o meu neto. – disse o senhor, se virando e indo em direção a rua, para trilhar o caminho de retorno ao Sebo.

E assim, naquele dezembro, onde as temperaturas não se arriscavam tanto e constantemente estavam amenas, com leves ventos no fim da tarde e outrora um uivar manso, que apenas ensinavam os gatos na quebrada da noite novas e belas melodias, o homem começou os cuidados com o jardim. Ele o regava com sabedoria, tinha destreza em tirar os pedregulhos do solo, afofava a terra, com um olhar atento. Parecia um soldado cuidando do solo da sua nação, que por hora parecia minado, mas no ímpeto de tuas emoções arrancava-lhe sorrisos graciosos.

Os transeuntes olhavam para aquele homem com uma roupa suja e com o rosto mal cuidado, com desprezo, achavam aquilo uma completa perda de tempo. Mas o andarilho sem nome, continuou o seu trabalho e todo dia às 16:00 horas ia ao

Sebo levar as chaves para o senhor Veríssimo. Dali, percorria cinco a seis bares para ver se alguém lhe dava um pão ou um trocado. E às 18:30 estava lá, embaixo do viaduto, abandonado calado, só com o seu companheiro inseparável, também sem nome.

Passaram-se semanas, regar as vezes não era mais preciso. Porém o andarilho ficava ali, com seu olhar atento, solidário, pedinte, porém quieto. Vigia as mudas, os canteiros, zelava pelo seu trabalho. Um dia, o andarilho voltou ao Sebo às 16:00 horas, para entregar as chaves ao senhor Veríssimo e o senhor o indagou:

– Já faz tempo que está se esgarçando dia após dia, neste sol quente, nestes dias as vezes de ventania. Por nada? As mudas ainda não cresceram ao ponto de virarem flor, ainda são pequenos brotos insignificantes. Onde tu moras? Onde tu vives para gastar teu tempo com tanto trabalho?

– Eu vivo em um lugar onde tenho o meu sossego, onde pessoas como eu mora, onde a vida me colocou e eu não posso reclamar. Sim, ainda são mudas insignificantes, mas um dia germinarão, serão flores lindas. E quando elas estiverem no auge do seu esplendor não serão mais tão insignificantes para o senhor. O que me dói é que ninguém se importa com elas agora, mas a beleza atrairá até mesmo as abelhas e os beija-flores.

– Faz o seguinte, eu não sei se gosta de livros ou se sabes ler bem, mas te darei três livros e quero que você em dias que não precisar ir à praça, leia-os. Com o tempo, se quiseres também pode vir buscar mais alguns comigo.

– Eu vou ficar muito contente, sei ler o pouco que a vida me ensinou. Mas tudo o que eu souber, eu vou ficar muito grato de ler nos livros.

– Certo. – disse o senhor pegando os livros em uma estante.

O andarilho foi embora com os livros, naquele dia tinha levado um simples carrinho, que foi descartado sem uma roda perto do viaduto. O andarilho o consertou e o que não tinha mais utilidade para alguém, foi sua principal ferramenta, tanto com o trabalho da jardinagem na praça, para como auxílio de suas andanças.

Então ele pôs os seus ganhos nele e foi buscar, o pão ou os trocados que encontraria pelas esquinas. A noitinha ele retornou para debaixo do viaduto. E como prometeu ao senhor, não foi a praça naquele dia.

Era 28 de Janeiro de um ano qualquer, e os pilares que sustentavam aquele viaduto se romperam. Não deu tempo de o andarilho interromper a sua leitura, ele estava deitado, calado e sem conseguir reagir, a vida o levou, sem pedir, sem avisar. O ônibus e do carro de luxo, também não conseguiram parar a tempo, quando passavam por ali. A vida levou o motorista daquele ônibus, apenas mais um proletário, o rico que dirigia o carro, e alguém sem nome, sem identidade, que morava debaixo daquele viaduto. Foram dias para remover os escombros, para encontrar as pessoas ali. Porém só se soube da história do homem rico, que dirigia o carro importado e usava terno e gravata.

Lá na praça, as crianças brincam, as pessoas passeiam. E os transeuntes que desprezavam os canteiros antes, naquele 5 de fevereiro, quando os girassóis desabrocharam, sorriram.

A photograph of two hands, one from the top and one from the bottom, gently holding a bright red heart. The hands are positioned as if they are about to pass the heart to each other. The background is a soft, out-of-focus grey.

Sônia Barreto Freire

João Pessoa - PB

Sônia Barreto Freire

A MEDIDA DO SER

Ser a medida do teu eu
Ser pleno de alteridade
Ser caminho do mesmo eu
Ser inteira pluralidade...

Ser com o outro mundo afora
Ser finito tempo agora
Ser todo em comunhão
Ser eu inteiro na solidão...

Ser junto no encontro casual
Ser vida nossa de cada dia
Ser humano no vendaval
Ser si mesmo em harmonia

Ser broto na luz do sol
Ser luz plena que irradia
Ser brilho como farol
Ser vida que brota e cria....



Teófilo Literato

Rio de Janeiro - RJ

Teófilo Literato

VERBOS DA COMPAIXÃO

V ALORIZAR,
E NCORAJAR;
R EANIMAR,
B USCAR;
O RAR,
S OCORRER.

D OAR,
A POIAR.

C OMPREENDER,
O UVIR,
M OTIVAR;
P ERDOAR,
A BRAÇAR,
I NCLUIR;

COMPAI **X** ãO É O
COR **A** çãO
O FERECER!



Vanderlei Araújo

Goiânia - GO

Vanderlei Araújo

ANIMAL DE ESTIMAÇÃO

Um dia, o meu pai chegou de viagem trazendo um sagui. Uma espécie pequena de primata de cauda longa, também conhecido como sonhinho, miquinho, mico. Um filhote ainda. Quando ele o encontrou, o bichinho chorava pela mãe morta, a poucos metros do corpo. Com certa dificuldade conseguiu pegá-lo. Movido pela compaixão, seu primeiro pensamento foi o de conservá-lo vivo e levá-lo para casa, pois sabia que sozinho, no meio do mato, acabaria morrendo de fome e sede ou então, serviria de comida para algum predador faminto.

O miquinho tinha pelos negros e macios e uma cauda comprida com listras marrons e dentes pequenos e afiados com os quais tentava, insistentemente, nos morder. No entanto, isto não nos impediu de gostar e cuidar dele como se fosse um tesouro. E assim, ele cresceu, ficou forte e esperto. Corria e pulava, subia e descia das árvores do quintal da nossa casa, fazendo acrobacias, pendurando-se pelo rabo nos galhos, encantando a todos. Nem parecia mais com aquele bichinho muito assustado que nos primeiros dias tentou fugir, obrigando-nos a amarrá-lo pela cintura. Aprendeu também a se alimentar sozinho. As frutas eram suas comidas favoritas.

Com o tempo, ele apegou-se a nós e todos nos apegamos a ele, como se fosse um novo membro da família. Quando desaparecia pelo quintal, deixava-nos preocupados. Mas, bastava assobiar para que ele aparecesse, pulando e emitindo sons agudos próprios da sua espécie.

Era também amigo do nosso cão, com quem brincava e se divertia o tempo todo sem nunca se estranharem. Como uma pessoa da família, brincava e aprontava com todos.

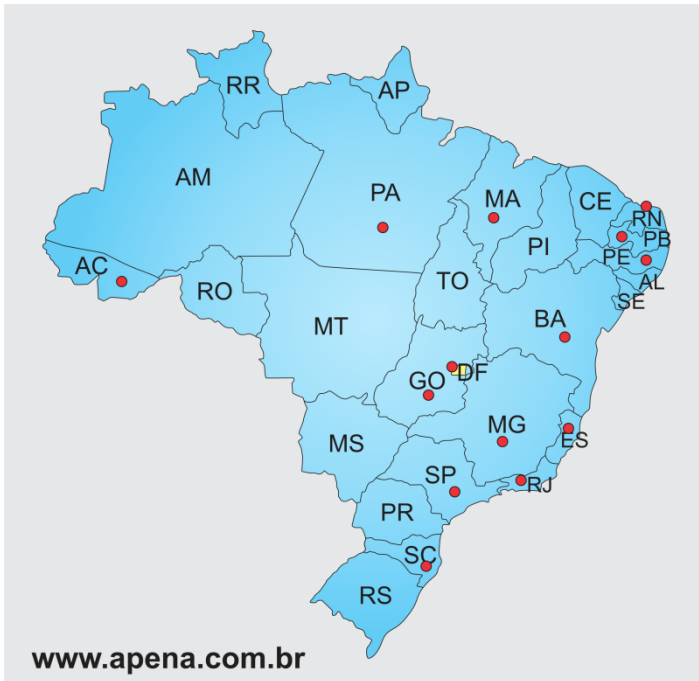
A má notícia chegou na hora do almoço. À mesa, meu pai comia em silêncio e a minha mãe, que era professora, contava um caso que acontecera na escola, quando ouvimos alguém gritar desesperado à porta da nossa casa, avisando que um cachorro matara o sonhinho.

Naquele instante, tudo ficou imóvel. Meu pai parou de comer e a minha mãe ficou esperando que alguém falasse alguma coisa. Nós não esperamos, saímos correndo com a esperança de encontrá-lo ainda com vida e tentar salvá-lo. Mas, o quadro que encontramos, era terrivelmente triste e difícil de aceitar. O animalzinho estava lá, de barriga para cima, enrijecido, o pescoço dilacerado, ensanguentado... Morto. Morrera não fazia muito tempo. Sob o pelo macio ainda podia-se sentir um resto de calor. A boca entreaberta mostrava dentes tão fino quanto os de um pente e seus olhos estavam fechados e lacrimejantes. De qualquer forma não havia mais nada que pudéssemos fazer a não ser chorar o nosso choro de criança. O cachorro, de longe, olhava sua atrocidade covarde, como que se vangloriando do trabalho rápido e bem feito, fazendo crescer dentro de nós uma sensação de revolta e tristeza.

Foi o fim de quem, durante cinco anos, viveu ao nosso lado nos divertindo, recebendo e dando carinho. A amizade com nosso cachorro não lhe dava motivo para temer outros animais. Por isso não teve medo. Enterramos o bichinho no fundo do quintal da nossa casa, debaixo de uma mangueira frondosa, onde a terra era macia. O corpo desceu para dentro do buraco numa caixa de sapato. Cobrimo-lo com terra numa lentidão dolorida. Por muito tempo nossa casa ficou triste e vazia, sentindo a sua ausência.

Participantes

Autores de Várias Partes do Brasil



Norte

Cecília Ugalde - Rio Branco - AC

Marcos Vieira - Castanhal - PA

Mario de Almeida - Castanhal - PA

Nordeste

Aline Santos - São João - PE

Carlos Garcia - Jaboatão dos Guararapes - PE

Artton Rodrigues - Santo Antônio - RN

Paula Belmino - Lagoa Nova - RN

Eulália Costa - São Luís - MA

Neuza de Brito Carneiro - Feira de Santana - BA

Sônia Barreto Freire - João Pessoa - PB

Centro-Oeste

Admilson Souza - Brasília - DF
Ainê Pena - Brasília - DF
Gustavo Dourado - Brasília - DF
Neuza Berti Albarello - Goiânia - GO
Vanderlei Araújo - Goiânia - GO

Sudeste

Beatriz Xavier - Serra - ES
Adão Moraes - São José do Rio Preto - SP
Andréia Caires - Guararema - SP
Dalvilson Policarpo - São Paulo - SP
Jacqueline Souza - São Paulo - SP
Jusmaria Carvalho - Mendonça - SP
Ademir Missias - Capitólio - MG
Ângelo Roberto - Matozinhos - MG
Anne Siqueira - Belo Horizonte - MG
Edna Marilda - Matozinhos - MG
Ignez Xavier - Mantena - MG
Luzia Lina Correa - Belo Horizonte - MG
Mel Silva - Sete Lagoas - MG
Ravi Silva - Sete Lagoas - MG
Rose Chalfoun - Lavras - MG
Samanta Aquino - Matozinhos - MG
Claudia Lundgren - Teresópolis - RJ
Mitiko Une - Rio de Janeiro - RJ
Teófilo Literato - Rio de Janeiro - RJ

Sul

Heloísa de Freitas Abrahão - Itajaí - SC
Neusa Bernado Coelho - Palhoça - SC

Licença de imagem da capa:
ag_8c3ee0d2-79e3-42e4-b5cb-255e6aa5e01e **
Fotógrafo: Lionday, Tailândia.

Antologia de Fim de Ano:
Compaixão
Edição Apenas
2020

